

083

ESTUDO SOBRE OS PRINCIPAIS MOTIVOS DE CONSULTA NO AMBULATÓRIO DE GINECOLOGIA INFANTO-PUBERAL DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE.

Carolina Waldman; Caroline B. Maurmann; Letícia Feldens; Luciane O. Santo; Kelli F. Castilhos; Solange Accetta; Alberto M. Abeche. (Serviço de Ginecologia e Obstetrícia e Departamento de Ginecologia e Obstetrícia/ FAMED/ UFRGS).

De uma maneira geral, o profissional de saúde, seja ele pediatra, clínico geral ou ginecologista, recebe formação limitada em ginecologia pediátrica. Tendo em vista a variedade de condições que ocorrem nesta faixa etária e a atenção especial que requer o atendimento dessas pacientes, torna-se cada vez mais importante o conhecimento e técnicas adequadas para o manejo dessas situações. O objetivo desse trabalho é verificar os principais motivos de consulta no Ambulatório de Ginecologia Infanto-Puberal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), através da avaliação de suas características. Foi realizado um estudo retrospectivo com 1691 pacientes de idade entre 0 a 19 anos, acompanhadas no Ambulatório de Ginecologia Infanto-Puberal do HCPA nos últimos 10 anos. A coleta de dados realizou-se através de um protocolo com base nos seus prontuários. Na faixa etária de 0 a 8 anos (298 pacientes), o principal motivo de consulta foi leucorréia (42,6%). Destes casos, 58,26% foram diagnosticados como vulvovaginite e 22,83% como leucorréia fisiológica. No grupo de idade entre 9 e 19 anos (1393 pacientes), anormalidades de ciclo menstrual (26,56%) foi o principal motivo da consulta, seguido de leucorréia (26,41%) e gravidez (11,98%). Em relação às anormalidades do ciclo, 6,75% eram causadas por amenorréia primária, 12,16% por amenorréia secundária, 12,70% por dismenorréia e 68,37% por outras irregularidades menstruais. Dos casos de leucorréia, 53,26% foram confirmados como leucorréia fisiológica e 32,33% como vulvovaginite. A média de idade da menarca foi 11,9 anos (DP=1,40) e da sexarca foi 14,81 anos (DP=1,90). A maioria das pacientes não utilizava métodos anticoncepcionais, mas 14,7% usavam anticoncepcional oral, 4,7% usavam condom e 0,3% utilizavam outros métodos. Trinta e duas pacientes (1,89% da amostra total) tinham história de abuso sexual, sendo que em treze casos o agressor era o pai ou padrasto da menina. Os resultados utilidade para a equipe de saúde em relação a assistência, investigação e manejo das situações mais frequentes do nosso ambulatório.